

# SPINOZA EXPLICADO PARA MINHA TURMA DE ENSINO MÉDIO

Nilton Pereira \*

DOI: <https://doi.org/10.52521/conatus.v16i27.12915>

## INTRODUÇÃO

A escrita deste artigo decorre de uma tentativa de imaginar como seria explicar o pensamento de Spinoza para jovens da escola básica. Portanto, o texto procura mostrar as ideias do filósofo como elementos importantes para a condução da vida, de maneira que os estudantes consigam aproveitar os ensinamentos de Spinoza para pensar e imaginar a vida. A escrita é de um professor, preocupado em permitir o acesso à complexidade do pensamento da ontologia spinozana para os jovens.

Como pensa Deleuze (2002), a filosofia de Spinoza é prática e, estranhamente, simples. O método geométrico de apresentação e demonstração, na *Ética* (2017), assusta, mas tudo o que o filósofo pensou foi para este mundo, o que existe necessariamente e que não pode ser julgado por um Ser superior ou extra mundo.

## OS ENCONTROS NECESSÁRIOS

Vamos imaginar que nosso dia inicia, saímos de casa e, ao dobrar a esquina, tropeçamos em uma pedra e caímos com o rosto no chão, temos dor e uma certa vergonha de seguir adiante. Sentados no fio da calçada pensamos, mas afinal de contas, o que é nosso corpo? O que é essa pedra? E o que é essa sensação de vergonha e de dor que senti?

Eis as perguntas que nos levam para o centro do pensamento de Spinoza. Um exemplo tão trivial parece ter pouca relevância filosófica, mas, tal exemplo nos levará direto para 1) a

univocidade do ser; 2) para a imanência; 3) para a ética e para os afetos; e mais.

Tudo se passa como se o Chão, a pedra, o meu corpo, o vento, o ar que respiro, fossem corpos. E tais corpos simplesmente existem. Sim, apenas existem, eles não têm qualquer finalidade. A pedra não existe com o fim de me machucar, meu corpo não existe com a finalidade de alcançar o paraíso, em algum lugar que não sabemos bem onde fica, o chão não tem por finalidade me causar dor. Tudo é simples. Mas, simples e necessário. Ou seja, no mundo nada está devendo ou mesmo inacabado, as coisas apenas existem. Logo, a essência de qualquer coisa é resumida à sua existência. Ou seja, existir é necessário.

Os encontros são necessários. Só existimos na medida dos nossos encontros. Encontro com a pedra, com o ar que respiro, com o chão, com o vento. São os encontros com outros corpos que criam marcas em mim, que me tocam, que me afetam. Esses encontros são também necessários e não existem por alguma razão de um Ser superior que lhes determina, eles apenas existem e ponto. É muito simples.

Os corpos, que se encontram, continuamente, são compostos, composições, de infinitos outros corpos, nossos corpos humanos, por exemplo, são constituídos de infinitas células, átomos, veias e etc.... E, além disso, nossos corpos se compõem, constantemente, a cada átimo de segundo, com outros corpos e, digamos que essas composições são uma espécie de nossa história, de nossos modos de ser. Então, se nos perguntam o que somos, poderíamos bem responder, somos composições, devires, porque a todo o momento nos compomos, pelos encontros que temos, desde com o ar que respiramos até as pedras que tropeçamos.

Os encontros que temos com outros corpos, como dissemos, produzem marcas, nos

\* Licenciado em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1992), Mestre em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1998) e Doutor em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2004). Pós-doutorado em História Medieval, na UFRGS. Atualmente é professor titular da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), da área de Ensino de História. Pesquisa o Ensino de História como arte de criar encontros alegres o Medievalismo e o Neomedievalismo no ensino de História.

afetam, e daí, temos ideias sobre os encontros que temos. Criamos ideias sobre as coisas. Representamos as coisas. Imaginamos as coisas. Quando tropeçamos na pedra, criamos uma ideia do ato de tropeçar, ideia da pedra, ideia da dor que sentimos, criamos ideias, pensamos. Daí que enquanto nosso corpo, a pedra e mesmo o ar que respiramos estão na extensão do tempo, ou seja, estão no presente, isto é, são metrificados, mensuráveis, tem tamanho, tem quantidade; as ideias existem no pensamento, na intensidade, são incorporais. De certo que estamos ao mesmo tempo na extensão do tempo, no mundo concreto palpável e sensível e também, no pensamento, no mundo das intensidades. Somos corpo e pensamento; ideia e extensão; mente e carne; memória e matéria. É o que somos. Mas, o corpo não é exterior à mente, ao pensamento. Não há, em Spinoza, qualquer relação de submissão entre corpo e mente, pois o que o corpo sente a mente sente, o que a mente sente o corpo sente. O que acontece no corpo acontece na mente. Eles são apenas dois atributos da natureza.

#### O SER E A ÉTICA

Contudo, quando tropeçamos naquela pedra e demos de cara no chão, o enredo era constituído daqueles corpos e das ideias que fizemos sobre todo aquele encontro, dos afetos que tivemos. Daí que cada corpo ali, o nosso, a pedra, o vento, o chão, não era um ser, nós não somos o Ser. Existimos e é isso. E isso acontece, porque somos uma maneira do ser, SER. O ser é uma substância infinita e absoluta. Causa de tudo o que existe. Não é um Ser extra mundo, o BEM, DEUS, RAZÃO, nada disso, o SER de Spinoza é o próprio mundo se desdobrando e se diferenciando. A Natureza ou Deus, como ele chamou. Então, cada corpo é uma singularidade, é o próprio ser se diferenciando, é uma maneira de ser, uma maneira do ser, ser. Porque SER é existir. Então, cada momento de uma existência é a manifestação do EXISTIR, do ser. Logo, nada há de misterioso aí. Essa substância infinita e absoluta, nos mostra que as maneiras de ser, os modos, nossos corpos, são infinitos, e cada maneira de ser é singular e não há uma maneira de ser modelar, de onde se possa julgar cada modo. Logo, não há moral na filosofia de Spinoza. O que temos aqui é que a substância infinita e absoluta, DEUS ou Natureza, somente

é em ato, no ato de existir de cada modo. Então, a causa da existência, se desdobra no seu efeito, existir. Imanência. O ser só é no seu efeito. A natureza só é nos seus modos. Não há um Deus ou Natureza ou SER exterior aos seus modos de Ser. Então, a pergunta, Deus existe? Do que é feito Deus? Não tem sentido ou se pode dizer: Deus é a própria existência em ato. Ele é feito dos seus modos de existir. Imanência. Então, eis a fórmula: DEUS, seus atributos infinitos – dos quais dois conhecemos, EXTENSÃO (Corpo) e PENSAMENTO (ideias) – seus modos de existir, também infinitos e enredados em composições (encontros) infinitas. Eis o mundo.

Univocidade do SER. Se o ser fosse equívoco, teríamos que supor que há diferentes seres e um deles é o modelo, a partir de onde se julga os outros. Compreender o SER como unívoco é simplesmente supor que nada há além da existência, nenhum modelo, nenhuma entidade ou SER superior. O SER é unívoco porque ele é em ato e cada ato é a expressão do SER, de SER, ou seja, são modos do SER, SER. O SER não é a medida transcendental dos outros seres, mas ele é o próprio mundo, a própria natureza, em um contínuo desdobrar-se, diferenciar-se. Se disséssemos que o SER é a diferença, não estaríamos errados. Pois, a diferença se expressa em cada modo de ser. SER é EXISTIR e nada há além do existir. Do ato de existir. Somos, logo, o ser se expressando, se desdobrando, se diferenciando. Somos a diferença em ato.

Então, não há CRIADOR e CRIATURAS (o que seria o mesmo que um ser modelar e outros a serem cópias daquele, sendo julgados se são mais ou menos seres). Há diferentes e infinitos modos de SER. De EXISTIR. Se existisse o CRIADOR e as CRIATURAS, teríamos aí uma MORAL. Ou seja, as criaturas são julgadas conforme sua semelhança com o criador. O mesmo ocorre em relação à ideia de essência: a ideia de homem racional seria o modelo desde onde se julgaria todos os humanos, que estariam realizando mais ou menos essa essência. Eis o mundo da moral.

Mas, Spinoza não é um moralista, ao contrário, ela pensa em uma ética: diferentes modos de ser (expressões e desdobramentos do ser) que tem diferentes graus de potência. Daí a IMANÊNCIA. Se não existe um DEUS, ou SER,

que transcende seus modos, logo, o SER, o que Spinoza chama de DEUS ou substância infinita e absoluta, é a causa que se realiza nos seus modos, seus efeitos. Ou seja, causa e efeitos não se discernem, temos aí um pensamento imanentista. Quando a causa se desdobra em seus efeitos. Não há uma causa exterior ou superior aos efeitos. Ou seja, todos fazemos parte da mesma substância, o que existe é uma única substância, da qual somos modos de expressão. Univocidade do Ser.

### O CONATUS E A ESSÊNCIA

Cada corpo, cada modo de existir, existe. Isto é, tudo se passa como se existir fosse uma força, uma potência. Vivo e continuo a viver, em função da força que tenho, do desejo, da potência que sou. É como se cada modo insistisse em continuar a viver, a cada minuto, a cada átimo de tempo que existe. *Conatus*. Insistimos em nos manter em nossa existência, em nosso corpo. Cada inspiração de oxigênio que realizamos é uma força que fazemos para nos mantermos vivos, existindo. Então, se somos essa singularidade de força. Tudo se passa como se Deus, a Natureza, a substância infinita e absoluta, fosse uma potência absoluta e infinita, que se diferencia nos seus modos, singulares, de existir. Logo, o que somos, os modos dessa substância ser, são potências, forças de existir e de ser. Somos variações dessa potência infinita e absoluta, que somente é infinita e absoluta, porque seus modos de expressão e existência são infinitos. Somos variações de potência. Graus da potência infinita e absoluta. Ora, se a potência não fosse infinita, como poderíamos, como graus de potência aumentar ou diminuir nossa potência, sem diminuir ou aumentar a dos outros modos? Então, não se trata de quando um modo aumenta sua potência outro diminui. Não é isso. Todos os modos de existir (que são infinitos) poderiam aumentar sua potência ao mesmo tempo, isso porque a potência é infinita e absoluta.

Então, qual é nossa essência? Como modos humanos ou não humanos? Estivemos acostumados a imaginar que a essência que temos é o que nos liga à espécie ou ao gênero. Ou seja, nossa essência como humanos seria o conceito “homem racional”. Desse modo, ficamos a vida inteira à procura e tentando realizar essa essência, de nos tornarmos homens racionais. Assim, todas as irracionalidades e loucuras que realizamos durante a vida seriam modos

errados de ser, pois não estaríamos realizando nossa essência, ao invés de nos aproximarmos dela, estaríamos nos distanciando. O que temos aí? Moral e juízo. Somos constantemente julgados em razão de nossa essência (no caso, a de homens racionais). Essa moral, essa filosofia moralista criou o julgamento moral. Se temos uma atitude irracional, somos julgados a partir dessa essência “homem racional”, e somos excluídos ou apreendidos ou outra coisa. Mas, essa essência aparentemente nunca se realiza inteiramente em nós, então, é como se sempre estivéssemos devendo, em falta, sempre incompletos.

Spinoza, distancia-se dessa Moral, tão característica da filosofia ocidental. Ele pensa em termos de uma ética e pergunta: O que nós podemos? Qual nosso grau de potência? Logo, a essência, a nossa essência, não é uma figura de razão, uma abstração ou um conceito, como “o homem racional”, uma generalização. A nossa essência é o que nós podemos. É nosso grau de potência. Logo, não há um modelo ou um grau superior a partir de onde devemos ser julgados. Nem mesmo estamos em falta ou incompletos, somos o que podemos, o resultado dos encontros que temos, as composições que fazemos. Nosso grau de potência. Podemos aumentá-lo ou diminuí-lo.

### Os AFETOS

Então, se ao saímos de manhã e ao dobrar a esquina, tropeçarmos em uma pedra, temos aí, como dissemos no início, um encontro com a pedra (também com o chão, com o vento, mas vamos ficar com a pedra). Esse encontro nos deixa marcas, não apenas marcas visíveis no rosto, mas nos afetam, nos tocam, intensivamente, nos coloca em variação. O encontro com a pedra diminuiu a força, pois nos sentimos mal, tivemos dor, ficamos com vergonha, ficamos tristes. A partir das afecções que tivemos com a pedra, fizemos uma ideia sobre a pedra e sobre a composição que fizemos com ela, aí tivemos um encontro triste, pois ele diminuiu nossa potência de existir, nossa força de ser. Dizemos, portanto, que tivemos um afeto triste, pois, quando temos um afeto triste, diminuímos nossa potência de ser e de existir.

Se, por outro lado, dobrarmos a esquina e, ao invés de tropeçarmos na pedra, um amigo passa e nos diz: “Como você está animado,

está com cara de quem viu passarinho verde, parabéns!”. Saímos cantantes e cheios de energia para o dia. O fato é que tivemos um encontro com um amigo, um encontro com suas palavras animadoras, e a composição que fizemos com ele e suas palavras, aumentam nossa potência, logo, tivemos encontros alegres. Nossa força de existir aumentou. Eis, portanto, o afeto como variação da nossa força de existir.

Lembramos que somos graus de potência de uma potência eterna e infinita, logo, aumentamos ou diminuimos nossa potência, em função das afecções que temos continuamente, vivendo, existindo. Tal que existir é estar nesse movimento ininterrupto de encontros, afetando e sendo afetado pelos modos de ser e de existir, infinitos, porque modos de ser da substância infinita e absoluta, Deus ou Natureza.

Da mesma maneira que outros modos nos afetam, também afetamos outros modos, logo, causamos tristeza ou alegria. Nossa força de existir, nossa alegria ou tristeza, está relacionada aos encontros que temos, às afecções que temos (as marcas que os outros modos deixam em nós), no decorrer da nossa vida. A questão é como compreendemos os encontros que temos e as nossas próprias variações de potência, uma vez que tais encontros são casuais e absolutamente necessários?

## O CONHECIMENTO

Conforme vimos, viver, existir, é necessário, não temos como recorrer ao fato de existir e existir é ter encontros, desde com o ar que respiramos, o colchão que dormimos, até pessoas, histórias, pedras e etc.... Quando dobramos a esquina não escolhemos tropeçar na pedra e ter um encontro triste, a pergunta que fica é, temos como compreender porque temos encontros tristes? Temos como pensar que havendo uma pedra vamos tropeçar? Spinoza pensa que temos três modos de conhecer as razões dos nossos encontros. Ele chama isso de três níveis do conhecimento.

No primeiro nível estamos soltos ao acaso dos encontros. Não compreendemos as razões dos encontros que temos. Logo, fazemos ideias inadequadas ou ideias afecção sobre o que nos acontece. Imaginamos, por exemplo, que a pedra foi a causadora da nossa dor, que ela, uma pedra, fora responsável pela tristeza que nos abateu. Isso quer dizer que ainda estamos

em uma situação de imaginar e não avaliar racionalmente porque as coisas acontecem. Eu ainda não consigo saber o que pode a pedra, quais suas relações características e também ainda não entendo o meu poder de ser afetado, quais as minhas relações características. Desse modo, estou sempre à mercê das coisas exteriores e não busco em mim mesmo as razões dos meus encontros. Assim, o conhecimento que tenho das coisas ocorre apenas pelos efeitos que as coisas causam em mim, meu corpo. Então, conheço apenas os efeitos, não as causas. Eu sinto a pedra e a dor que ela me causa, o efeito da pedra sobre mim, sobre meu corpo. Ainda que não saiba o que é o meu corpo, o que é a pedra, a relação entre esses dois corpos, ou seja, não sei por que a pedra produz esse efeito em mim. Então, eu padeço, porque estou entregue às paixões, sou servo dos efeitos dos outros corpos sobre o meu. As ideias afecção ou inadequadas são “representações de efeitos sem as suas causas”. (Deleuze, p. 45, 2019).

No segundo nível do conhecimento, eu passo a ter ideias adequadas, porque consigo dissociar a imagem do afeto, ou seja, a dor não será simplesmente um efeito que a pedra causa sobre o meu corpo, mas ocorre em razão dos encontros necessários que tenho com os outros corpos, no curso da vida. Porque, ao formar noções comuns ou ideias adequadas eu conseguirei entender as relações características da pedra e as minhas relações características e formar noções sobre essas relações e isso vai me permitir saber o que pode me causar a pedra, o chão, o vento, ao encontrar-se com meu corpo. Do mesmo modo, se me sentir alegre pelo elogio de um amigo, não vou tributar a essa causa exterior, meu aumento de potência, ou seja, não vou tributar ao elogio do meu amigo, minha alegria. Mas, vou compreender que os elogios dos meus amigos e uma série de outras coisas me afetam alegremente, de certo que me alegro com inúmeras coisas, mas, ao mesmo tempo, não dependo mais delas para poder expandir minha força, para me alegrar. Porque, eu estarei alegre porque consigo agir sobre a natureza, porque não estou mais apenas e simplesmente, a mercê das paixões, de causas exteriores. Eu consigo, inclusive, provocar encontros que me deem alegria, porque sei do meu poder de ser afetado. Desse modo, minha alegria passa a

ser vista como algo que me vem em função da minha própria força de afetar e ser afetado, de minha energia de viver e de agir na natureza, e não simplesmente de objetos exteriores como uma pedra ou um amigo.

Eu consigo, assim, efetuar minha potência no mundo, sem ser servo do acaso dos encontros, eu procuro os encontros alegres e, ao mesmo tempo, eu posso experimentar a tristeza, não achando que minha tristeza foi causada pela pedra, porque sei que esse encontro se refere à ordem da natureza. Nesse sentido, a tristeza não necessariamente me destrói, mas consigo conviver com ela, sem perder tanta força, uma vez que conheço as causas. Como menciona Spinoza, “A nossa mente, algumas vezes, age; outras, na verdade, padece. Mais especificamente, à medida que tem ideias adequadas, ela necessariamente age; à medida que tem ideias inadequadas, ela necessariamente padece”. (E3P1).

Logo, uma ideia adequada não é uma abstração, uma vez que consigo formar noções comuns sobre os corpos que me convém e que não me convém, eu não crio uma abstração, mas o conhecimento das causas, do que me convém ou não me convém. Ao mesmo tempo, estou pronto para experimentar diversas e infinitas relações, pois vou sempre procurar entender as relações características dos corpos que se combinam com o meu.

Então, em termos de afeto, como eu conseguiria formar mais ideias adequadas do que inadequadas? Ora, um afeto de tristeza, como tropeçar na pedra e quebrar o rosto, significa que o fato de estar triste vai dificultar a minha potência, minha força, para aprender. Eu serei menos ágil. Mas, os afetos de alegria me permitem aprender mais, pois estou mais potente e forte. Além disso, compor com outro corpo que me afeta alegremente, significa que aquele corpo tem relações características que me convém, logo, posso formar daí uma noção comum. Quanto mais alegrias, mais noções comuns eu formo e mais eu compreendo as relações características dos corpos que se combinam com o meu. De certo modo, eu, como o trabalho de uma vida, vou buscar o contentamento, no sentido de provocar encontros alegres, de diminuir os encontros tristes. E de entender que a alegria não decorre

de uma causa externa, mas da minha própria ação, do meu agir, da minha potência.

E é por isso que as noções comuns não são abstrações, porque não há um homem em geral, um humano em geral, há o que pode cada corpo. E pronto. Mas, a tristeza também é necessariamente parte da vida. Ou seja, continuaremos a ter encontros tristes, com corpos que não convenham com o nosso. Desse modo, formaremos sim noções comuns que decorrem de corpos de não convém com o nosso. Se, com a alegria eu formo noções comuns acerca do que me convém na natureza, também preciso formar noções sobre coisas, corpos, que não convém com o meu, na natureza.

Há ainda o terceiro gênero do conhecimento. É o momento no qual percebo não mais as causas exteriores, mas, vejo em minha própria potência a causa do que me acontece. Isso ocorre porque compreendo que sou parte de uma essência eterna, infinita e absoluta, um ser unívoco, causa de todas as coisas. Tudo se passa como se, agora, eu pudesse e conseguisse ser a causa das modificações que ocorrem em mim. Uma espécie de artista de mim mesmo. Uma vez que consigo saber minha potência de ser afetado.

Ao invés de estar entregue às paixões, sou ativo, me autoproduzo como uma potência que age, que provoca e inventa novas formas de ser afetado por outros corpos, outras ideias. Assim, sou capaz de experimentar o mundo, longe de toda moral e de todas as regras morais, simplesmente experimento, a procura de combinações, de composições que aumentem minha potência de ser e de existir.

O terceiro gênero me leva para a intuição, para o conhecimento intuitivo. Não apenas formando noções comuns e ideias adequadas sobre os corpos que me afetam, suas partes extensas, mas conheço minha essência, tenho posse dela, como pura intensidade. O terceiro gênero, diz Deleuze, é o mundo das intensidades puras. Onde o que existe é a potência. Pura intensidade. Conheço a minha essência, meu grau de potência e conheço a essência do universo, de Deus, da Natureza. Desse modo, ao invés do afeto ser uma paixão, ele é ação, e eu sou capaz de me auto afetar, na esteira de um afeto ativo.

## CONCLUSÃO

Não foi uma tarefa fácil procurar explicar a complexidade do pensamento de Spinoza para jovens da escola básica, talvez este pequeno texto possa ser menos um manual e mais um instrumento para que se possa pensar, explorar, especular, mas, com o intuito de fazer do pensamento spinozano uma filosofia prática, um lugar de onde criar experimentações e novas relações entre os seres do mundo. Sempre na perspectiva da beatitude, ou seja, de se tornar uma obra de arte de si mesmo, uma força que se auto afeta, uma vida ativa.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- DELEUZE, G. **Cursos sobre Spinoza:** Vincennes, 1978-1981. Tradução de Emanuel Angelo da Rocha Fragoso, Francisca Evilene Barbosa de Castro, Hélio Rebello Cardoso Júnior, Jefferson Alves de Aquino. 3. ed. Fortaleza: EdUECE, 2019. (Coleção *Argentum Nostrum*).
- DELEUZE, Gilles. **Espinosa: filosofia prática.** São Paulo: Escuta, 2002.
- SPINOZA, Benedictus de. **Ética.** Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

